

SOMENTE PARA ALUNOS DO 6º PERÍODO

Filosofia e Ética - 6º período

Atividade IV

Responda as seguintes questões sobre o texto “Privatização da Liberdade” contextualizando-as nos diagnósticos apresentados sobre a América do Sul no texto “Nossa América”. Em seguida reflita sobre as responsabilidades dos administradores na concretização do projeto de integração continental.

1. Como o autor apresenta a “lógica capitalista”?
2. De acordo com Pierre Bourdieu, uns olham a sociedade com olhos cínicos e outros, com olhos clínicos. Qual a importância do “olhar clínico” para um administrador que atue nos programas de ação social das empresas?
3. Como é possível administrar uma empresa fora do “modelo de sociedade fundado na apropriação privada da riqueza”?
4. O neoliberalismo rompeu a ponte entre a esfera pública e a privada. Qual o resultado desta ruptura para a realidade do mundo empresarial?
5. As instituições que asseguravam a ampliação e defesa dos direitos sociais foram desmontadas. Que instituições eram estas? Qual o resultado desse desmonte?
6. Como ocorre a “privatização dos bens simbólicos”?

Privatização da Liberdade

Zygmunt Bauman põe o dedo na ferida ao denunciar o limite da liberdade na modernidade capitalista: pode-se tudo (embora a maioria não possa quase nada), exceto imaginar um mundo melhor do que este em que vivemos. Quando muito, fica-se no conserto da casa, a reforma do telhado, a pintura das paredes, sem que se questionem a própria arquitetura da casa e, muito menos, o modo de convivência dos que a habitam.

Os mais progressistas até admitem que, na reforma, o quarto de empregada seja deslocado do exterior para o interior da casa. Até aqui o limite da lógica capitalista. Além disso, suprime-se a liberdade de quem ousa propor que não haja quarto de empregada nem empregada. No máximo, diaristas sindicalizadas e com todos os direitos garantidos por lei. Inclusive o acesso à casa própria.

Segundo Pierre Bourdieu, uns olham a sociedade com olhos cínicos e outros, com olhos clínicos. Os primeiros julgam inquestionável o atual modelo de sociedade fundado na apropriação privada da riqueza e dele procuram tirar proveito, considerando justo o que reforça seus privilégios e injusto o que os ameaça. Os

"clínicos" enxergam um palmo abaixo do chão em que pisamos e reconhecem as intrincadas relações sociais que produz, à superfície, tamanha desigualdade entre os 6,5 bilhões de habitantes desta nave espacial chamada Terra.

O neoliberalismo rompeu a ponte entre a esfera pública e a privada. Outrora, uma constelação de instituições assegurava a ampliação e defesa dos direitos sociais: associações, sindicatos, partidos etc. A privacidade, reduto sagrado, só era devassada à medida que se rompia

o contrato social: abandono do lar, homicídio etc. Tudo mais ficava entre quatro paredes ou, quando muito, caía em "domínio público" apenas através de mexericos interpessoais.

Agora, o privado absorve o público, graças à teoria thatcheriana de que a sociedade se reduz ao indivíduo e à família. De um lado, privatizam-se instituições como o Estado (refém de seus credores privados) e os sindicatos, confinados à negociação direta entre empregados e empregadores, desarticulando categorias profissionais e solidariedade de classe. De outro, o privado transborda e inunda - e imunda - o público, como no *Big Brother*.

Rompem-se as quatro paredes e promove-se a inversão dos fatores: o "cínico" anula o "clínico", de modo a desistorizar o tempo e atomizar as relações sociais. Mais importante do que conhecer as causas que impedem o Brasil de crescer além de 2,3 por cento ao ano (perde apenas para o Haiti em todo o continente americano) é saber se MickJagger arrumou nova namorada no Rio ou quem será o novo milionário da casa alvo do voyeurismo nacional.

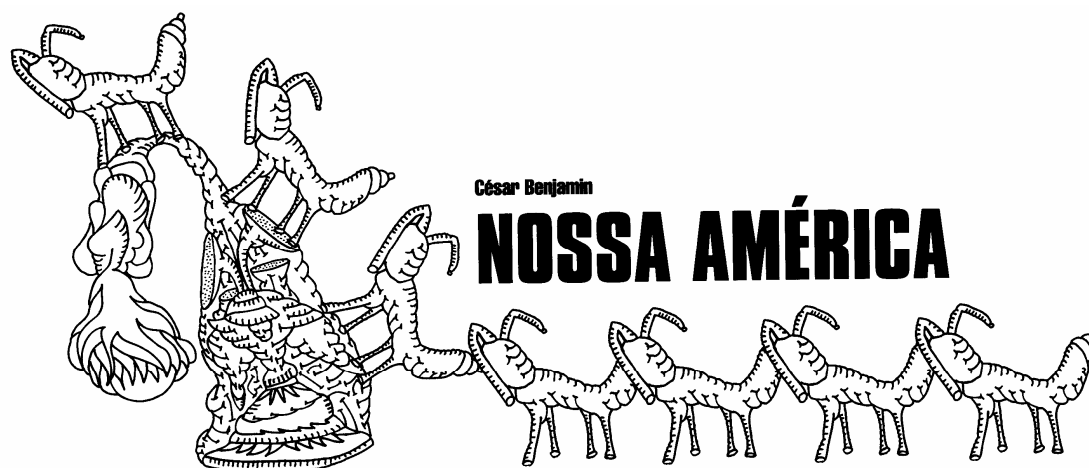
O tecido das relações sociais se esgarça. Crianças e jovens, que deveriam se enfrentar no jogo educativo da sociabilidade propiciada por turmas de rua, clubes, equipes esportivas etc., agora se refugiam horas e horas diante do monólogo televisivo ou informativo. Nos espaços virtuais de comunicação internáutica, onde não se expõem aos limites exigidos pelo convívio grupal, aprendem a dissimular. Projetam de si mesmos uma imagem idealizada, fantasiosa, como se a vida se desse, de fato, em dois planos, aquele em que os pés pisam e aquele em que a cabeça "navega". O real e o virtual.

A privatização dos bens simbólicos ("a história acabou", apregoava Fukuyama) sonega às novas gerações o sentido histórico da existência. "Consumo, logo existo", afirmam os neocartesianos. Assim, o projeto de vida se reduz às ambições de consumo (ficar rico), beleza (eternamente jovem) e fama (ainda que por cinco minutos, como predisse Andy Warhol).

Eis a liberdade que nos oferecem, a de escolher diferentes marcas do mesmo produto na gôndola do supermercado ou na vitrine das lojas. Jamais escolher um novo modelo de sociedade em que os privilegiados não precisem se confinar em *shopping centers* para fugir da turba famélica que agride a paisagem e as pessoas... Um modelo civilizatório que permita, enfim, a adequação de nossa existência à nossa essência. Nas palavras de Fernando Pessoa: "Ah, quem dera a perfeita concordância/ De mim comigo.! O silêncio ulterior sem a distância / Entre mim e o que eu digo".

Resgatar o direito político à liberdade, eis o desafio se almejamos que, no futuro, a violência não extrapole do âmbito privado para o público. E imprimir ao exercício coletivo da liberdade um sentido, uma direção, um horizonte capaz de superar a grande antinomia do atual modelo de democracia: em nome da liberdade, a maioria é excluída do direito à justiça. li!

Frei Betto é escritor, autor do romance *Entre Todos os Homens* (Ática), entre outros livros.



Três regiões participam hoje, ativamente, da grande disputa mundial por riqueza e poder: a América do Norte, a Europa e o Leste da Ásia. A primeira é diretamente controlada pelo megaestado dos Estados Unidos, que consolidou seu domínio regional com o acordo do Nafta e pretende expandi-lo para todo o hemisfério por meio da ALCA. A segunda está em processo de unificação, com a formação de um megaestado continental, a União Européia. A terceira conta com pelo menos dois megaestados - o Japão e a China - com marcante atuação regional; a fortíssima integração é um dos motivos do êxito das economias asiáticas.

Três outras regiões do mundo não definiram projetos regionais nem construíram estruturas políticas capazes de levá-los adiante: o Oriente Médio, a África e a América do Sul. A primeira está sob ocupação militar. A segunda permanece paralisada por níveis de pobreza muito elevados e contenciosos internos muito graves.

Das regiões periféricas, é a América do Sul aquela que apresenta as melhores condições para constituir um projeto próprio. Nossas nações compartilham as mesmas aspirações por soberania, desenvolvimento e justiça. Nossos povos podem construir com facilidade uma identidade comum. Nossas economias são complementares. Em um mundo cada vez mais ameaçado pela escassez, contamos com recursos naturais abundantes, inclusive os energéticos e os biológicos, que serão cada vez mais importantes. Temos acesso aos dois grandes oceanos. Temos também indústrias, universidades e centros de pesquisa.

Uma região que, no século 21, pode ser facilmente superavitária na produção de alimentos e de energia não pode aceitar passivamente a pobreza de suas populações e a condição periférica no mundo.

A construção da unidade continental é um sonho que percorre a nossa história. Está presente na vida e na obra dos nossos melhores intelectuais, lutadores e estadistas - o venezuelano Simón Bolívar, o cubano José Martí, o peruano José Carlos Mariátegui, o argentino Ernesto Guevara, o brasileiro Darcy Ribeiro, para citar apenas alguns.

Em períodos anteriores, pelo menos três causas impediram que essa unidade prosperasse:

a) Durante a maior parte do tempo os países se ligavam diretamente ao exterior e eram comandados de lá. A infra-estrutura unia regiões exportadoras aos portos e estes, diretamente, à Europa ou aos Estados Unidos, de onde importávamos produtos industriais. As elites que comandavam essas economias articulavam-se muito mais fortemente com os centros estrangeiros do que com suas próprias sociedades.

b) Permaneceu existindo um vazio econômico e de
mográfico no coração do continente, ocupado pela região amazônica e sua
extensa periferia, onde predominavam atividades extrativistas dispersas. As
distâncias interiores

eram quase intransponíveis.

c) O processo histórico de formação de nossas sociedades produziu diferenciações. No Brasil, na Venezuela, na Colômbia, no Chile e na Argentina predominaram povos novos; eles foram formados já no mundo moderno pela mistura de grupos humanos originários da própria América, da Europa, da África e até da Ásia, usados como força de trabalho pelo capitalismo europeu. Na Bolívia, no Peru, no Paraguai e no Equador predominaram povos herdeiros das civilizações pré-colombianas, cuja identidade está pulsando com cada vez mais força no continente.

Estão dadas as condições para superar esses fatores que impediram um projeto regional.

a) Dos esforços desenvolvimentistas do século 20 herdamos economias mais industrializadas, capacidade técnica mais desenvolvida e mercados internos mais fortes, além de uma incipiente rede de infra-estrutura voltada para efetuar ligações internas.

b) O papel da Amazônia mudou. No século 21, no lugar de um vazio econômico e demográfico, ela terá de constituir a base geográfica de um novo projeto comum de cooperação e desenvolvimento, capaz de garantir o controle de nossos povos sobre recursos estratégicos - como água doce, biodiversidade, fontes de energia e minerais-, além do domínio das biotecnologias.

c) Cada vez mais, nossos povos têm de enfrentar juntos aquele que é o seu maior desafio, o de controlar os processos que definem o curso de sua própria história. Os povos herdeiros das civilizações pré-colombianas perderam o controle de sua história com a invasão européia. Os povos novos, formados depois da invasão, nunca tiveram esse controle. A modernidade européia, continuada na fase de hegemonia dos Estados Unidos, mantém todos os povos da América do Sul na condição comum de povos-objeto. Isoladamente, nenhum deles conseguirá tornar-se sujeito

progressiva do continente; desnacionalização das economias e dos recursos naturais; transformação dos Estados nacionais em reféns do sistema financeiro internacional; isolamento ideológico e enfraquecimento das forças armadas; presença militar crescente dos Estados Unidos, especialmente na região amazônica; cooptação das elites pensantes e controle dos meios de comunicação.

Mas, em quase todos os países, forças políticas cada vez mais representativas reconhecem que um projeto sulamericano alternativo é necessário e viável. Elas vêm obtendo sucessivas vitórias. Está no fim o ciclo da aventura neoliberal. Inicia-se um novo período da nossa existência.

O projeto sul-americano reforçará as tendências, já existentes, que apontam para o trânsito da unipolaridade para uma nova multipolaridade na geopolítica mundial. É preciso defini-lo com clareza e viabilizá-lo politicamente. O papel do Brasil é insubstituível. Precisamos deixar para trás a posição ambígua que temos tido e assumir claramente que a unidade da América do Sul tem de ser um elemento-chave da nossa política externa.

Um ambicioso projeto comum para a Amazônia, a integração da matriz energética continental e a criação de uma moeda contábil para regular o comércio intra-regional, de modo a libertá-lo da dependência do dólar, podem ser os primeiros grandes passos nessa direção. Estão ao alcance dos governos progressistas da região. 111

César Benjamin é autor de *A Opção Brasileira* (Contraponto, 1998, décima edição) e *Bom Combate* (Contraponto, 2005). Alguns artigos seus estão publicados na página www.contrapontoeditora.com.br. Integra a coordenação nacional do Movimento Consulta Popular.